



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8413 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT12 - Currículo

VALORIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DE TIMOR-LESTE NA CONSTRUÇÃO DO CURRÍCULO ESCOLAR: UMA LULIK COMO PARADIGMA

Rosiete Costa de Sousa - UNIVERSIDADE FEDERAL DE BAHIA

Agência e/ou Instituição Financiadora: Fapesb

VALORIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DE TIMOR-LESTE NA CONSTRUÇÃO DO CURRÍCULO ESCOLAR: *UMA LULIK* COMO PARADIGMA

1 INTRODUÇÃO

Esta discussão se insere em nossa *etnopesquisa implicada e multirreferencial* de doutorado no campo de currículo e formação no contexto de Timor-Leste. Explicitando a “natureza etnográfica e clínica das etnopesquisas”, Macedo (2004) nos fala da importância e necessidade de “estudar o quadro referencial e o universo simbólico dentro dos quais os sujeitos interpretam seus sentimentos, pensamentos e ações” (MACEDO, 2004, p. 145). Uma base de formação na etnopesquisa me permitiu um exercício de um olhar e uma escuta sensíveis com atores do contexto escolar timorense com quem interagi, o que me oportunizou o encontro com singularidades que constituíam um mundo que eu via totalmente ausente do currículo prescrito e das propostas de formação e isso me causou grande inquietação e me levou, como não podia deixar de ser, à problematização desta ausência.

O objetivo deste trabalho é refletir acerca das seguintes questões: como o que estamos chamando de paradigma da *uma lulik* [\[1\]](#) coaduna com os nossos interesses de natureza existencial, política, social e epistemológica contemporâneos? Como podemos avaliar a sua contribuição para a construção do currículo desde a perspectiva construcionista social?

2 Currículo e ancestralidade: a uma lulik como paradigma

É tão triste e tão desesperançoso o que temos visto acontecer no Brasil nos tempos atuais. Temos assistido a uma onda de destruição de vidas (de pessoas, animais, árvores, florestas, rios...) produzida em grande medida pelo governo atual e por parcelas de um povo

que, ao que parece, se distanciaram de uma ética da vida, e tanto são estimuladas a produzir o mal por este des-governo como o apoiam nas suas investidas destrutivas, o que produz um cenário aterrorizante para todos os que estão conectados com algum nível do valor da vida (humana e não-humana) e que entendem a necessidade de protegê-la. Parece que a *pulsão de morte* se tornou dominante em parte do povo brasileiro que nos fez representar por este governo tão destrutivo.

A construção deste país de grandes dimensões chamado Brasil deu-se, disso sabemos bem, sobre bases de eliminação dos povos originários desta terra (os que conseguiram sobreviver à violência por que passaram são constantemente ameaçados e têm tido que lutar muito para permanecer vivos e manter viva a sabedoria ancestral que carregam, sobretudo agora com este governo federal que, quando era mesmo inimaginável, pelo menos no Brasil, ter um governo que desconsiderasse de forma tão escancarada os direitos individuais e coletivos já conquistados, eis que este governo é assustadoramente uma realidade) e da escravização dos africanos trazidos para cá. A custo de muito sofrimento, comunidades que guardam heranças ancestrais africanas se formaram no território brasileiro e têm mantido viva essa ancestralidade entre nós.

Com a perda/ausência de memórias e sabedorias ancestrais pela quase totalidade da gente do Brasil, nos constituímos como uma nação que desconhece valores de ligação com a Terra-Mãe, tão fundamentais para a continuidade da vida. Um modo de vida alheio a sentidos que nos vinculam à Terra como uma entidade viva se estabeleceu entre nós. Passamos a usar a terra como se ela fosse um objeto, como se dela fôssemos proprietários (fazemos dela o que bem – ou mal, melhor dizendo – entendemos) e a relação com ela passa a ser meramente de ocupação, extrativismo e exploração de seus recursos. A maioria de nós parece desconhecer por completo que a Terra não existe somente para atender às nossas necessidades de sobrevivência ou, muito menos ainda, aquelas criadas pelo modelo capitalista de produção e de consumo. A Terra não é nossa, nós somos da Terra. A Terra não é só uma realidade externa a nós, somos também terra. Possível que a terra tenha passado a ser tida como objeto por nós, porque nós, seres humanos, fizemo-nos também objetos pelo/no modo de vida moderno capitalista.

No meu caso pessoal, o que me fez aprofundar um pouco no conhecimento da existência de valores e sabedoria ancestrais que compreendem uma forte conexão com o terreno foi ter vivido por três anos e meio em Timor-Leste, um país localizado do outro lado do mundo, de pequenas dimensões territoriais, metade de uma ilha do sudeste asiático, que também foi colonizado por Portugal (1514-1975) e teve sua independência restaurada em maio de 2002, tendo sido o primeiro país a surgir neste século.

E, neste momento, o que me põe em contato com a esperança é a pesquisa com o Timor, um povo que resiste às colonizações e invasões, muito marcado bem verdade por elas, tendo sofrido perdas irreparáveis de vidas humanas e não humanas, de estruturas e bens materiais e simbólicos, mas que nos permite conhecer um pouco da sua alma e sabedoria ancestrais, porque ainda que passando pelas invasões tão violentas e por processos de modernização, também tão violentos muitas vezes, mantém uma relação fortemente estabelecida com os seus antepassados (suas leis, valores, conhecimentos e práticas), sendo essa vinculação dominante na sociedade timorense, conforme esclarece o professor João no ObEtno-TL ^[2] (SOUSA, 2019, p. 117):

Por meio de cerimônias tem uma ligação entre terrestres e supernatural, sobrenatural... uma comunicação. É uma linguagem simbólica tradicional.

Só os sacerdotes ^[3] aí que sabem. Ele que nos liga aos nossos

antepassados. Os timorenses têm mais relação íntima com os seus pais, seus avós, que já morreram. Ele tem relação muito íntima, é mais próximo, quase que ele considera ainda vive, vive na existência de seus... [...] os timores julgam que ele, o espírito dele, a sua existência ainda está aqui, ele não vai nos deixar. (Professor João)

É bom, e mesmo um alento, estar acompanhando a situação de Timor em relação à pandemia do novo coronavírus e ver que, até o momento, lá não teve transmissão comunitária e desde março, quando houve o primeiro caso confirmado de covid-19 no país, o número está em 28 sem que tenha ocorrido nenhuma morte. Ainda assim, o governo já vai pelo sexto mês que decreta estado de emergência, reconhecendo a necessidade de estar alerta, cuidando para que não haja a propagação do vírus no país.

No momento em que a lei do mercado se tornou dominante, onde a obtenção do lucro e o consumo são os valores fundamentais, e vemos uma parte significativa da população brasileira, capaz de eleger o presidente da República, avançar sem limites mobilizada por tais valores, perguntamo-nos, o que a educação, que se deixou em muito conduzir pela ética deste mercado, tem a ver com isso tudo que estamos vivendo? Claro que num mundo dominado pelos valores capitalistas uma educação com outras bases teria e teve poucas chances de se impor, e resistir é o nosso maior desafio, sem contar que é a escola uma instituição moderna que se torna parte da história da colonização.

Em tempos como estes que estamos vivendo talvez também possamos nos dar mais tempo e espaço para a investigação do que somos como instituição escola. Digo do que somos porque na medida em que vamos nos formando, atuando, profissionalizando-nos no trabalho educativo escolar, internalizamos e incorporamos o instituído em nós, ainda que operemos também com a dimensão do *instituinte*, já que, concordando com Castoriadis, “há o social instituído, mas este pressupõe sempre o social instituinte (1982, p. 135). Muitas vezes fazemos a crítica dos mais diferentes aspectos que constituem a realidade educacional escolar tomando-a como algo externo a nós, feita por outros apenas. E, assim, não nos damos conta de como os princípios, valores e demais elementos que a produzem foram incorporados por nós.

Vale a pena ressaltar que a ideia de “currículo como sequência estruturada ou disciplina provém em grande parte da ascendência política do calvinismo”, na Suíça, Escócia e Holanda ainda no final do século XVI, como nos mostrou Goodson (2018, p. 61). “Percebe-se uma relação homóloga entre currículo e disciplina: o currículo era para a prática educacional calvinista o que era a disciplina para a prática social calvinista” (HAMILTON apud GOODSON, 2018, p. 50), portanto, é preciso olhar para o currículo e trabalhar na sua atualização e (re)construção desde uma *perspectiva construcionista social* (GOODSON, 2018). Para Goodson, “o currículo é confessada e manifestamente uma construção social” e isto não é um dado atemporal (2018, p. 101).

Há um importante movimento em voga também na educação brasileira que se nutre de um entendimento que vai ao encontro do que diz Morin (2000): “as culturas devem aprender umas com as outras, e a orgulhosa cultura ocidental, que se colocou como cultura mestra, deve se tornar também uma cultura aprendiz” (MORIN, 2000, p. 102). E é por aí, para onde se encaminha muito da pesquisa educacional, curricular hoje, que pretendemos colocar também em perspectiva a *uma lulik* como paradigma, nos termos em que coloca o professor Manuel, no I Simpósio de Educação, Ciência e Cultura de Timor-Leste ^[4]:

Eu vou trazer o exemplo aqui da *uma lulik*. *Uma lulik*... podemos dizer, é símbolo da... Uma *lulik* aqui em Timor-Leste representa um clã, um grupo de pessoas, que agrupa numa *uma lulik*. *Uma lulik* também é símbolo da unidade, um grupo está concentrado ali, concentrado na *uma lulik*. Dentro da *uma lulik* tem os *katuas*^[5], os *lianain*^[6]... tradicionais. Nós vamos juntar ali todos os elementos culturais para organizar as atividades culturais. [...] Em Timor-Leste até agora [...] Possui também línguas diferentes. Mesmo assim esta *uma lulik*... a questão de uma *uma lulik* todos possuem... *makasae* tem, *fataluku* tem, *kemak*, *bunak*^[7]... todos têm o processo de *uma lulik*. Então eu quero levantar aqui que formamos aquele grupo^[8] que aponta que *uma lulik* é um paradigma, é um paradigma de uma epistemologia local, que produz conhecimentos, como acabei de dizer... (Prof. Manuel/SOUSA, 2019, pp. 114-115)

Trago para compor este texto alguns elementos que descrevem a *uma lulik*, conforme apresentados pela pesquisadora timorense Irta Araújo em sua dissertação de mestrado. Araújo (2013), fazendo referência aos trabalhos de Antonio de Almeida e de Ezequiel Pascoal, afirma que

para falar da cultura timorense e a sua tradição primeiramente é preciso saber a base filosófica desta cultura. Não podemos desviar os nossos pensamentos daquilo que os timorenses chamam *Lulik*. A palavra *lulik* saiu como voz e símbolo na tradição, e representa todo o universo, por exemplo: *bee-lulik* (água sagrada), *foho-lulik* (montanha sagrada), *rai-lulik* (terra sagrada), *ai-lulik* (árvore sagrada), *Uma-Lulik*, *fatuk-lulik* (pedra sagrada) etc. (ARAÚJO, 2013, p. 39)

A pesquisadora menciona que a heterogeneidade da identidade cultural da sociedade timorense ainda permanece nos pilares da *Uma Lulik*^[9] – mesmo tendo o território timorense sofrido cerca de cinco séculos de colonização portuguesa e mais de duas décadas de ocupação indonésia, sendo que suas tradições, hábitos e costumes não foram substancialmente alterados, ainda que em alguns aspectos tenha havido fragilização das tradições locais que, de acordo com o que observa a pesquisadora, se refere fundamentalmente às situações das mulheres timorenses (ARAÚJO, 2013, p. 35).

Sobre esta observação em relação à situação das mulheres timorenses, Araújo (2013, p. 57) avalia que a imposição de culturas alheias à cultura tradicional timorense acabou por silenciar as vozes das mulheres. Não se está falando aqui, é importante destacar isto, de uma interação entre culturas, de relação dialógica na qual as culturas aprendem umas com as outras, mas de culturas que se considerando superiores se impõem como mestras de um processo civilizatório e de desenvolvimento e silenciam e negam e constroem os sujeitos e a cultura que sofrem, pois, a imposição e invasão.

Na *uma lulik*, defende Araújo, a mulher é símbolo de proteção da natureza, onde “a natureza também é um corpo, um corpo natural e original”, “o corpo na cultura timorense representa a vida e o corpo das mulheres timorenses está na base da *uma lulik*”^[10] (2013, p. 54). “Para os timorenses, o *corpo* é louvado como algo sagrado, ou seja, quando o corpo está vivo, é venerado com dignidade; depois de morto, o corpo é enterrado com as honras

devidas” (p. 55). A representação da feminilidade na *uma lulik* tem base na visão da Mãe-Terra (p. 58), a mulher é tida como “fonte da nossa vida (ARAÚJO, 2013, p. 62).

De acordo com Araújo (2013), a casa na cultura timorense assenta “em dois pilares ou alicerces; um deles representa o sexo masculino e o outro, o feminino. Em Timor, tudo existe aos pares. As casas estão divididas em duas partes, e numa delas a mulher é suprema” (CHRYSTELLO apud ARAÚJO, 2013, p. 46). E, como aponta a autora, *lulik*, feminino e masculino estão interligados, existindo uma hierarquia entre eles, a saber: “*lulik* é o mais importante, porque mantém o valor mais importante para a sociedade em geral; *Lulik* se acredita ser a raiz da vida”; o segundo elemento mais importante é o feminino, de onde paz e prosperidade derivariam, sendo representado “principalmente por mulheres, elas são muito importantes porque a vida é transmitida através do feminino”; o terceiro é o masculino que tem a responsabilidade de proteger e dar segurança aos dois anteriores, que são as raízes da vida (ARAÚJO, 2013, p. 75).

Lulik é algo sagrado que une a natureza ancestral, o universo divino e o mundo dos vivos. A natureza é o centro dessa ligação entre o mundo dos vivos, o dos espíritos dos antepassados e o mundo da divindade. É neste contexto que se desenvolve a relação humana timorense com todas as partes existentes no universo (ARAÚJO, 2013, p. 43).

Cito ainda Sousa (2009, p. 113), quando nos diz que “os *mambae* retratados por Traube (1986) eram vistos como espectadores passivos, eles se retratavam como os guardiões das pedras e das árvores. Mas esse papel passivo”, afirma Sousa, “oculta uma noção importante de centralidade por parte daqueles que garantem que a terra e o mundo continuem”^[11].

Que sabedoria revela o papel, a imagem dos “guardiões das pedras e das árvores”?

CONCLUSÃO

Neste texto, quis focar em alguns elementos e significados presentes na experiência timorense da *uma lulik* relacionados especialmente ao lugar que nela o feminino ocupa para, inclusive, chamar a atenção para o silenciamento e a negação de valores como os que aqui foram mencionados, que estão ligados às sabedorias ancestrais, nas ações e discursos sociais e educacionais que envolvem a questão da mulher em Timor-Leste, bem como para trazer também para o nosso cenário brasileiro um outro referencial cultural que nos lembra da nossa relação com a Mãe-Terra.

Não estamos propondo, ao defender a *uma lulik* como paradigma, o fechamento em si da cultura ancestral timorense, mas chamar a atenção para o necessário reconhecimento, a valorização e a afirmação de um referencial cultural que foi e é tratado negando-lhe sua voz e a sua real importância na configuração do processo de escolarização. Entendemos com MACEDO (2007) que é

impossível tratar de pautas humanas bem como das questões da educação do cidadão contemporâneo sem que levemos em conta como suas referências são constituídas interativamente, relacionalmente, sem negarmos, contudo, a singularidade das **existências** (grifo do autor) sociais. Conceber o Ser como ser-no-mundo e ser-com-o-mundo, sempre e

concretamente, não significa retirar desse Ser a contribuição da sua singularidade constitutiva (2007, p. 51).

Ao enunciar a *uma lulik* como paradigma, estamos interessados, em consonância com as epistemologias do Sul (SANTOS, 2010, 2019), em fazer ver no currículo, que se instituiu como um *dispositivo educacional moderno*, a negação, silenciamento, exclusão, desvalorização das experiências sociais, culturais cuja existência é distante do tal centro que determina o que é o processo de desenvolvimento a partir do *ethos* moderno; e ao mesmo tempo olhar para a experiência da *uma lulik*, constatar sua grandeza, dignidade, amplitude, seus saberes e potencialidades formacionais.

Timor-Leste é um país multiétnico e multilíngue, a *uma lulik* existente em todo o território se distingue tanto na sua constituição física como na experiência social em cada contexto, e ousamos afirmar que alguma habilidade no trato com as questões de currículo desde a perspectiva socioconstrucionista é capaz de reconhecer nesta experiência social tão plural um campo potente para *experimentações curriculares* e, conseqüentemente para a *qualificação da formação*, de acordo com o que tem defendido Macedo (2013, 2015, 2016).

Neste sentido, compreendo que nossas pesquisas em currículo são desafiadas a desenvolver estudos que colaborem com a *construção social e culturalmente referenciada* do currículo nos níveis de prescrição e de interação tendo em vista os processos formativos, o que nos permite concebê-lo como uma experiência *em aberto*, onde o conhecimento que se ensina e que se aprende não é somente o que já está definido como tal, mas o que é produzido em relação, isso implica em se considerar os pontos de vista dos sujeitos e das culturas, suas *políticas de sentido*, suas experiências.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, I. S. B. O sagrado na cultura das parteiras de Timor-Leste. Dissertação. Florianópolis-SC: UFSC, 2013. 168p.
- CASTORIADIS, C. A instituição imaginária da sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- GOODSON, I. F. Currículo: teoria e história. Tradução de Atílio Brunetta. 15ª edição atualizada e ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- MACEDO, R. S. A teoria etnoconstitutiva de currículo: teoria-ação e sistema curricular formacional. Curitiba: CRV, 2016.
- MACEDO, R. S.; MACEDO DE SÁ, S. M. Etnocurrículo, Etnoaprendizagens: a educação referenciada na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- MACEDO, R. S. Atos de currículo e autonomia pedagógica: o socioconstrucionismo curricular em perspectiva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- MACEDO, R. S. Currículo, diversidade e equidade: luzes para uma educação intercrítica. Salvador: EDUFBA, 2007.
- MACEDO, R. S. A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação. Salvador: EDUFBA, 2004.

- MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo/Brasília: Cortez/Unesco, 2000.
- SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (orgs.). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010.
- SANTOS, B. S. O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: AUTÊNTICA, 2019.
- SOUSA, L. Denying peripheral status, claiming a role in the nation: sacred words and ritual practices as legitimating identity of a local community in the context of the new nation. 2009. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/260105803>.
- SOUSA, R. C. Observatório Etnoformador em Timor-Leste: uma tecnologia de formação por outro ethos pedagógico escolar/institucional. Dissertação. Florianópolis-SC: UFSC, 2019. 177p.

Palavras-chave: currículo; formação; cultura; ancestralidade.

[1] Traduz para o português como casa sagrada (uma=casa, lulik=sagrada).

[2] Observatório Etnoformador em Timor-Leste.

[3] O prof. João está a se referir ao sacerdote tradicional, *olulik nain*, o *lianain*.

[4] 30 jan. 2014. FEAH/UNTL, Dili, TL.

[5] Velho.

[6] Conhecedor da história da *uma lulik* à qual pertence; sacerdote tradicional.

[7] Makasae, fataluku, kemak, bunak são alguns dos grupos etnolinguísticos existentes no país.

[8] O grupo é o ObEtno-TL.

[9] “Prevalece o sentimento de perda diante dos riscos do esquecimento: “Ita la bele soe ita nia cultura, ita nia avo” - não podemos jogar fora nossa cultura, nossos ancestrais. Cultura e antepassados são indistinguíveis e esta é a identidade e a memória praticada na vida diária” dos timorenses (SOUSA, 2009, p. 112). Tradução nossa.

[10] A *uma lulik* também é considerada um corpo, e “este corpo da *Uma-Lulik* é considerado também a ‘casa materna sagrada’ que simboliza a base da sociedade sustentável do mundo timorense (ARAÚJO, 2013, p. 48).

[11] Tradução nossa.